

A evolução do pára-quedismo militar e os precursores pára-quedistas¹

*Elder Freire Silveira Filho**

RESUMO

O artigo procura identificar as origens do pára-quedismo militar e suas conseqüências para o Exército Brasileiro (EB). Baseou-se em pesquisa que incluiu a obra *Pára-quedistas alemães, a supertropa* e o livro *Até Berlim*, tratando um da tropa pára-quedista alemã e o outro dos pára-quedistas do Exército americano. Os manuais de campanha C124 – 1 - Estratégia e o C 100 – 5 - Operações foram consultados, pois atribuem tarefas à tropa pára-quedista, dentro da doutrina de emprego do Exército Brasileiro(EB), atendendo às suas especificidades. Foi consultado também o Sistema de Planejamento do Exército (SIPLEx), que estabelece diretrizes para o emprego da Brigada de Infantaria Pára-quedista (Bda Inf Pqdt), segundo as necessidades de defesa do Território Brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE

Pára-quedismo, pára-quedismo militar, brigada pára-quedista.

O livro *Pára-quedistas alemães, a supertropa* foi escrito por Farrar-Hockley, pára-quedista britânico que comandou batalhão e brigada pára-quedista durante a Segunda Guerra Mundial. Além desses aspectos que lhe conferem autoridade para apresentar o assunto, ele con-

tou com o apoio do Capitão *Sir* Basil Liddell Hart, famoso estrategista militar inglês.

Esse livro descreve praticamente a vida militar de um homem: Kurt Student. Ainda em tenra idade, Student ingressou no Exército alemão. Iniciou na Academia Militar de Potsdam, em 1901, pouco antes

* Tenente-Coronel de Infantaria e Estado-Maior.

¹ Colaboração da ECEME. Abertura do Curso de Precursores Pára-quedistas da Bda Inf Pqdt em 2003.

de entrar na adolescência e, a partir daí, dedicou-se ao ofício das armas por toda a sua vida.

Após os anos escolares, foi designado para servir em um batalhão de caçadores, quando foi voluntário para realizar o curso de piloto de avião, período inicial da aviação militar na Alemanha. Concluiu o curso com aproveitamento e cumpriu várias missões de reconhecimento durante a Primeira Guerra Mundial e foi ferido em combate.

Os aliados venceram a guerra e impuseram à Alemanha o Tratado de Versalhes que, entre várias restrições, proibiu a existência de uma aviação, limitou o efetivo do Exército a 100 mil homens e reduziu drasticamente a Marinha, resumindo a sua tarefa à defesa da costa.

Mas o velho Estado-Maior alemão, disfarçadamente, manteve um exército de quadros, acompanhando a evolução da arte da guerra em vários países, principalmente na Rússia e, quanto à aviação, criou clubes de planadoristas que, desenvolvendo o esporte, na realidade manteve homens habitados a pilotar aeronaves.

Com a subida ao poder do partido Nacional-Socialista (nazista), representado por seu líder Adolf Hitler, dentre as ações governamentais implementadas, foi denunciando o Tratado de Versalhes e também foi criada a Força Aérea Alemã. Kurt Student foi convidado para esse empreendimento e dele participou ativamente, estudando e propondo a compra de aparelhos e desenvolvendo doutrinas de emprego.

Ele estava absorvido em suas atividades quando recebeu o comando de uma divisão aérea, reunindo aviões e pára-quedistas da Força Aérea e do Exército. Essas

tropas pára-quedistas eram ainda incipientes e estavam constituídas de um batalhão da Força Aérea, uma companhia do Exército, além de uma escola de pára-quedistas. Os alemães não sabiam exatamente como utilizá-las. A missão de descobrir uma utilização eficiente, para o que foi chamado de arma aérea, foi dada a Kurt Student.

Apoiado por seu subcomandante, Heinz Trettner, que levantou as possibilidades do emprego operacional dessa nova arma, e observando principalmente a utilização dos pára-quedistas russos como guerrilheiros, chegou à conclusão de que era viável a aplicação desse poder no combate convencional. Student, que, inicialmente, duvidava do emprego de pára-quedistas, passou a ser ferrenho defensor dessa nova técnica de combate.

Possuíam o avião, o JU 52, pequena aeronave com três motores a hélice, um no nariz e um em cada asa, que lançava 10 pára-quedistas. Já utilizavam o pára-quedas RZ-16, que tinha uma fita ligando o seu invólucro a um cabo de aço na aeronave. Esta fita se distendia quando o homem abandonava o avião e a pressão exercida fazia com que o velame fosse extraído do invólucro e, então, ele se abria e conduzia o combatente até o solo. Os pára-quedistas lançavam o material rádio e morteiros em fardos. Mas existia um problema: como lançar as viaturas e o material de artilharia? A experiência nos clubes de planadoristas apontou uma possibilidade para Student, que aproveitou os planadores existentes e outros construídos especificamente para emprego militar e compôs um binômio pára-quedistas-planadoristas.

Alguns desses aparelhos possuíam um sistema de foguetes na frente e pára-que-

das na retaguarda, que facilitavam a ação de frear no momento da aterrissagem.

Realizaram diversos exercícios com sucesso. Inclusive, desconfiados de que o combatente não sobreviveria a uma ação em pleno inverno, lançaram uma companhia que voou, por mais de duas horas, na altura de lançamento, com temperaturas abaixo de 15°; apenas 12 homens ficaram incapacitados, devido às péssimas condições reinantes. O sucesso obtido proporcionou a Student a confiança para o emprego da nova arma em combate.

Após a vitória alcançada na invasão da Polônia, Hitler ordenou a participação das tropas pára-quedistas na operação de invasão da França, para acelerar os deslocamentos do Exército alemão, conquistando os locais de passagem obrigatória na Bélgica e na Holanda, regiões entrecortadas de canais. Na Bélgica, existia a fortaleza de Ebam-Emael, com 800 X 1.000m aproximadamente, que dominava uma região de passagem obrigatória, além de três pontes importantes.

Student pensou em saltar dentro da fortaleza, mas a necessidade de a tropa estar imediatamente reunida para entrar em combate o levou a decidir por pousar dentro da fortaleza com os planadores, evitando a dispersão que acontece no salto em pára-quedas. Em 10 de maio de 1940, nove planadores pousaram no objetivo, chegando a raspar a fuselagem na murada da fortaleza, ao mesmo tempo que pára-quedistas saltavam próximo às pontes, conquistando-as.

Concomitantemente, Student comandava o salto na Holanda, empregando a sua divisão, a 7ª Divisão Aerotransportada, reforçada pela 22ª Divisão de Infantaria, que se deslocou em planadores e nos JU 52 que

pousaram nos campos. Na realidade, ele comandou um corpo de exército. Os regimentos saltaram em seus objetivos, mas houve forte reação das tropas holandesas, que abateram vários aviões e planadores. Alguns JU 52 atolaram e quebraram o trem de pouso impedindo a decolagem para pegar nova leva de combatentes. Vários pára-quedistas foram lançados fora da Zona de Lançamento(ZL) prevista.

Toda essa confusão levou a uma série de condutas por parte dos diversos comandantes e, inclusive, ao exercício da iniciativa por parte dos soldados que combateram em pequenos grupos até se reunirem às suas unidades. Tal esforço permitiu que os obstáculos fossem vencidos e os objetivos alcançados, de modo que, no dia 12 de maio, foi realizada a junção com os carros blindados.

Nesse episódio foram empregados 7.200 homens, sendo feridos e mortos apenas 180. Student foi um dos feridos - recebeu um tiro na cabeça -, mas graças a um médico holandês, sobreviveu e retornou às suas atividades normais após um período de convalescença.

Hitler ficou eufórico com o sucesso da operação e condecorou os pára-quedistas que conquistaram os objetivos na Holanda e na Bélgica, pela bela demonstração de uma nova forma de guerra. Após essa missão, a 7ª Divisão evoluiu para um corpo aeroterrestre completo e os oficiais foram promovidos. Vários voluntários acorriam para a escola de pára-quedistas. Aviões, armas e equipamentos eram postos à disposição das tropas e vários ensaios e estudos eram levados adiante.

Após a conquista da França, o Alto Comando alemão voltou as suas atenções

para a Rússia. Mas, para deslocar as forças militares para os objetivos em território russo, era necessária a conquista de várias regiões no sul da Europa, a fim de garantir a segurança no deslocamento. Foi nesse contexto que ocorreu a conquista da Grécia.

O 2º Regimento da 7ª Divisão Aeroterrestre saltou de pára-quedas e desembarcou de planadores, no dia 26 de abril de 1941, perto da cidade grega de Corinto, para a conquista da travessia do canal lá existente, e que foi demolida pelos defensores. Mas os engenheiros pára-quedistas improvisaram outra às pressas, para que o Exército alemão não retardasse as suas operações. Com perda de menos de duzentos homens, entre mortos e feridos, eles capturaram cerca de 2.500 soldados britânicos e gregos.

Ainda dentro do quadro de conquista de regiões que possibilitassem segurança para a invasão da Rússia, estava a Ilha de Creta, para onde retraíram várias tropas gregas. Os aeródromos lá existentes permitiam aos aliados realizar incursões nos campos petrolíferos que forneciam combustível para as forças alemãs. Sua conquista se tornou necessária e a missão foi dada ao General Student.

Seria uma tarefa diferente, pois dessa vez não haveria a junção com o Exército, cabendo toda a responsabilidade à Força Aérea. O Corpo Aeroterrestre recebeu vários objetivos na ilha, entre aeródromos e portos. Dessa forma, foram constituídos quatro grupos, com ZL distintas ao longo do litoral norte da ilha.

A quantidade de aviões e planadores não era suficiente para transportar toda a tropa, necessitando organizar levas sucessivas de pára-quedistas e de planadoristas. No dia 20 de maio de 1941, teve início a

invasão. Os aviões bombardearam pesadamente a ilha, antes do assalto aeroterrestre, mas várias posições defensivas aliadas permaneceram incólumes e abriram fogo sobre os combatentes alemães ainda no ar ou nos planadores. Existiam, ainda, navios da Esquadra britânica que, além de ajudar no retraimento das forças aliadas da ilha, participaram do combate.

Para a execução da segunda leva houve muita confusão, pois a poeira levantada nos aeródromos dificultava sobremaneira a aproximação dos pára-quedistas que não encontravam as suas aeronaves. Assim, apenas uma pequena parte da segunda leva decolou e foi acompanhada pelos aviões caça e bombardeiros. Estes, devido à necessidade de combustível, tiveram que retrair, deixando o grosso da segunda leva sem proteção, o que ocasionou grande quantidade de perdas entre os pára-quedistas alemães. Houve erros de ZL e de Zonas de Pouso(ZP). Mas, depois de cinco dias de luta, com o reforço de mais pára-quedistas e planadoristas, além do apoio de fogo aéreo, a ilha foi conquistada.

Cerca de seis mil alemães morreram nessa operação e vários aviões foram destruídos, juntamente com suas tripulações. Hitler considerou a missão como essencial e que, evidentemente, só poderia ter sido feita por um ataque aeroterrestre. Mas decidiu que nunca mais usaria operações aeroterrestres, já que dependiam fundamentalmente da surpresa, e tudo indicava que esse fator havia sido esgotado.

O Corpo Aeroterrestre passou a ser desmembrado, com os seus regimentos reforçando as frentes de combate. No entanto, a formação de outros regimentos pára-quedistas continuou e milhares de volun-

tários surgiam de todas as partes. Nesse período algumas inovações foram implementadas, tais como: instalou-se no pára-quedas uma caixa de soltura rápida para facilitar a desequipagem do combatente ao chegar ao solo, foi melhorada a estabilidade do velame e um equipamento simples permitiu que o homem transportasse cargas ao saltar.

Objetivos como a Ilha de Malta, que o Alto Comando alemão planejou conquistar com tropas pára-quedistas, e o exemplo do assalto aeroterrestre bem-sucedido dos aliados no Norte da África fizeram com que Hitler reconsiderasse o seu pensamento, determinando a criação de mais uma divisão aeroterrestre.

No dia 25 de julho de 1943, Benito Mussolini, *premier* italiano, aliado dos nazistas, foi demitido e preso pelo rei da Itália. Hitler determinou que Student elaborasse e executasse um plano para resgatar Mussolini. Student recebeu o reforço de Otto Skorzeny, membro das forças especiais alemãs.

Descobriram que Mussolini estava preso em um hotel numa região montanhosa e de grande altitude, sobre um pequeno platô. Student pensou logo em saltar de pára-quedas perto do hotel, mas o ar rarefeito provocaria excesso de dispersão na tropa, além do que o platô era muito pequeno para ser uma ZL. A saída seria usar planadores.

Um batalhão tinha a missão de isolar o objetivo, e uma companhia mais Skorzeny e seus homens eram responsáveis pelo resgate, todos em planadores. O batalhão che-

gou aos seus objetivos de isolamento. Quanto aos planadores do resgate, no momento em que chegaram próximos à ZP, verificaram que era impossível a aterrissagem por causa das rochas e decidiram, em pleno vôo, pousar no estacionamento do hotel. Os 11 planadores, valendo-se dos foguetes, dos pára-quedas e de muitas orações, amontoaram-se no local, sendo que apenas um caiu no precipício.

Conseguiram resgatar Mussolini, mas o avião que pousaria no vale próximo ao hotel não chegou. Assim, o pequeno avião de Student foi uti-

lizado para o transporte do líder italiano. Skorzeny também embarcou no avião e foi necessário que os pára-quedistas segurassem o avião pela cauda enquanto o piloto acelerava, até que, a um sinal, largassem a pequena aeronave que rolou sobre o pequeno ressalto e conseguiu, com dificuldade, ganhar altura e levar o *premier* italiano até Hitler.

Apenas mais uma pequena operação, empregando assalto aeroterrestre, foi levada a efeito pelos alemães até o fim da guerra, com o efetivo de um batalhão. Contudo, a atividade de formação e preparação continuou, de forma que foi criado o Exército Aerotransportado alemão, chegando a um efetivo de 160 mil homens. Foram utilizados como combatentes regulares até o final da guerra, destacando-se das demais tropas pela determinação em cumprir a missão.

Os alemães deram grande contribuição à atividade aeroterrestre, tanto em tecnologia como no desenvolvimento doutrinário. Ficou claro que se fazia necessário

Cerca de seis mil alemães morreram nessa operação e vários aviões foram destruídos. Hitler considerou a missão como essencial, mas decidiu que nunca mais usaria operações aeroterrestres.

um detalhamento meticuloso nos planos, além de alguns alternativos para possibilitar o cumprimento das missões.

Contudo, outros fatores relacionados aos atributos da área afetiva mostraram-se fundamentais: a forte determinação em cumprir a missão, mesmo correndo riscos, o alto grau de coragem física e moral, a flexibilidade para se adaptar às mudanças nos planos e a iniciativa para adotar condutas de combate, mesmo sem a presença dos chefes. Essas qualidades caracterizavam todos os integrantes da tropa, desde os soldados até os comandantes, o que demonstrava que esses atributos devem ter sido trabalhados durante a formação.

O que se fazia na Alemanha não passou despercebido para outros países. Nos Estados Unidos, por exemplo, as atividades aeroterrestres eram acompanhadas com curiosidade e estudadas em detalhes, de forma que muitos ensinamentos foram colhidos e adaptados para as tropas pára-quedistas americanas.

Em seu livro *Até Berlim*, o General Gavin conta como essa nova forma de combate foi inserida na doutrina de combate dos aliados. Como capitão, Gavin fez o curso de pára-quedista nos EUA, sendo transferido para o núcleo que deu origem à 82ª Divisão Aeroterrestre americana.

Ele comandava um regimento da Divisão antes de entrar em combate na Segunda Guerra Mundial. Durante a formação dos pára-quedistas, Gavin notou que, além do vigor físico em alto grau, para enfrentar as vicissitudes de um combate à retaguarda do inimigo, o soldado deveria ter o seu valor individual elevado ao mais alto nível, pois, com a evolução da arte da guerra, o homem não poderia simplesmente aguardar ordens

ou combater exclusivamente inserido em uma fração, pois a dispersão no salto, somada aos erros de lançamentos, não deveria servir de motivo para que o soldado não se esforçasse para colaborar no cumprimento da missão do conjunto.

Várias atitudes foram tomadas para valorizar o indivíduo e, ao mesmo tempo, se buscou fortalecer o espírito de corpo. O simples fato de colocar na camisa e blusas de combate o nome de guerra do combatente, além de inculcar o pensamento de que ele pertencia a uma tropa de elite, são exemplos das iniciativas adotadas.

Na invasão da Itália, a partir do Norte da África, o comandante da 82ª Divisão Aeroterrestre, General Ridgway, determinou ao Coronel Gavin que planejasse um assalto aeroterrestre na Sicília, comandando um Grupamento Tático (GT) reforçado, já que não havia aeronaves suficientes para um efetivo maior. O GT era composto pelo seu Regimento, o 505º, pelo 456º Grupo de Artilharia Pára-quedista, pelo 3º Batalhão do 504º RI Pqdt e pela 2ª Companhia do 307º Batalhão de Engenharia Pára-quedista.

A missão do GT era proporcionar segurança ao desembarque das tropas aliadas, em face das tropas alemãs estacionadas na ilha, como a Divisão Panzer Hermann Goering. O plano era simples. A formação de aeronaves decolaria da Tunísia em direção à Ilha de Malta, para então tomar o rumo norte e chegar às ZL marcadas a leste de Gela, na Sicília. Mas fortes ventos terminaram desviando algumas aeronaves, ultrapassando a Ilha de Malta. Refazendo a rota elas se dirigiram para a Sicília por outros rumos. Para se ter idéia da confusão causada pelos ventos, algumas aere-

ves chegaram a pousar na ilha para se reorientarem, decolando depois em direção ao objetivo. Outro fator de confusão foi o fogo antiaéreo inimigo que fez com que alguns pilotos aumentassem a velocidade das aeronaves, provocando violentos choques na abertura dos pára-quedas, causando perdas de material. Outras aeronaves erraram as ZL. Assim, um lançamento que estava previsto para ser concentrado a leste de Gela terminou por espalhar-se pelo sudeste e sul da ilha.

Alguns pára-quedistas não sabiam se estavam na Sicília, na Itália ou na Grécia, mas logo após a aterragem procuraram formar pequenos grupos que, após se orientarem, dirigiram-se para os objetivos, a fim de organizar alguma resistência ao alemão. Os combates travados foram violentos e os pára-quedistas tiveram que utilizar vários expedientes para cumprir a missão, como usar tratores que encontraram na região, veículos de toda espécie, além de uma vontade obstinada de lutar, provavelmente pelo fato de estarem em território dominado pelo inimigo.

Apesar dos percalços, a tarefa foi cumprida. Os pára-quedistas conseguiram deter o avanço da Divisão Panzer o tempo suficiente para que as tropas aliadas pudessem realizar o desembarque nas praias da Sicília, em segurança. A partir daí, as tropas aliadas iniciaram o deslocamento em direção à ponta da bota italiana.

Os pára-quedistas realizaram várias reuniões para avaliar a operação que haviam cumprido e chegaram à conclusão que deveriam treinar um pequeno grupo de pilo-

tos e pára-quedistas, a fim de saltarem antes da coluna de aviões, de modo a estabelecerem, no solo, sinalização que facilitassem a aproximação das aeronaves e a reorganização das tropas. Assim foi criada a escola de precursores, ainda em solo siciliano.

Nesse quadro, foi planejada a conquista da cidade de Roma por meio de um assalto aeroterrestre. Os aviões dos precursores já estavam taxiando quando a missão foi cancelada devido aos dados que o General Ridgway, assessorado pelo Comandante da Artilharia Divisionária Pára-quedista, obteve em conhecimentos, os quais

apontaram um aumento de tropas alemãs em torno de Roma, além da constatação de que o apoio que os italianos dariam à operação poderia não se efetivar.

No prosseguimento da invasão à Itália, os aliados resolveram realizar um desembarque anfíbio próximo a Salerno, com as tropas americanas, e outro em Taranto, com as tropas inglesas. O V Exército americano recebeu a 82ª Divisão Aeroterrestre para essa missão, deixando-a em reserva. Durante a consolidação da cabeça-de-praia, o V Exército americano sofreu pesado contra-ataque alemão. O General Mark Clark, comandante da operação em Salerno, enviou um piloto com uma carta escrita de próprio punho para o General Ridgway, que estava na Sicília, na qual determinava o lançamento de dois regimentos pára-quedistas dentro da cabeça-de-praia, a fim de possibilitar a realização de um contra-ataque, e de um batalhão, ao norte da cidade de Avellino, para cortar as comunicações e o suprimen-

*Na invasão da Itália,
a partir do Norte da África,
o Comandante da
82ª Divisão Aeroterrestre,
General Ridgway, determinou
ao Coronel Gavin
que planejasse um assalto
aeroterrestre na Sicília.*

combatente que estará à retaguarda do inimigo, sem os apoios convencionais e sem muitas opções de retraimento.

Em 1948, o Tenente Nathan Guaraná de Barros foi enviado para realizar o Curso de Precursor Pára-quedista nos EUA (*Pathfinder*). No retorno ao Brasil, o Tenente Guaraná logo passou a incrementar a atividade dos precursores pára-quedistas nos treinamentos de salto, na ZL de Gramacho, a primeira no País. Em 1951, foi realizado o primeiro Curso de Precursores Pára-quedistas no EB e, a partir de então, foram formados, até os dias atuais, cerca de trezentos precursores.

Atualmente, existe a Companhia de Precursores Pára-quedistas (Cia Prec Pqdt), orgânica da Bda Inf Pqdt. Esses homens são habilitados a realizar o seu próprio lançamento de bordo de aeronaves, a lançar tropas a partir de um ponto materializado no solo ou determinar o momento do acendimento da luz verde no avião, que libera o pára-quedista para o salto. Realiza operações de ZL, o seu reconhecimento e a sua utilização. Realiza operações de Zona de Pouso de Helicópteros (ZPH); realiza operações de ZP e atua como Guia Aéreo Avançado (GAA), entre outras atividades, tais como demolições e reconhecimentos, as quais pode desenvolver em território inimigo.

Além de oficiais e sargentos precursores, a Companhia conta com os cabos e soldados auxiliares de precursor. Para isso, eles são selecionados entre os melhores pára-quedistas e realizam um curso de cerca de três meses, com intensas atividades que os habilita como auxiliares em todas as tarefas do precursor.

Estudando os manuais de Estratégia e de Operações, pode-se constatar que, na

doutrina do EB, no contexto de um exército de campanha ou escalão mais alto, a tropa pára-quedista é própria para a realização da manobra estratégica de flanco, quando uma parte menor da força realiza uma ação secundária para fixar, atrair reservas ou iludir o inimigo, enquanto a ação principal se desenvolve nos flancos e ou na retaguarda, possibilitando a destruição da tropa oponente.

Essa possibilidade de realizar movimentos amplos e profundos e de se deslocar a grandes distâncias com a velocidade do avião, podendo chegar pousando, realizando o pouso de assalto ou de pára-quedas, no assalto aeroterrestre, somada às características de Área de Operações Continentais (AOC) existentes no território brasileiro, levaram o Estado-Maior do Exército a incluir a Bda Inf Pqdt entre as Forças de Ação Rápida (FAR) estratégicas, como pode ser visto no SIPLEX.

Das tropas que integram as FAR estratégicas, a Bda Inf Pqdt é a que possui maior mobilidade estratégica, capaz de atuar em qualquer parte do País, partindo de um único ponto sem a necessidade de escalas.

Um dos fatores que permite a rapidez de atuação da Bda Inf Pqdt é a ação da Cia Prec Pqdt que realiza diversos reconhecimentos em todo o território nacional, levantando as principais ZL, ZP e ZPH, além de outras atividades que possibilitam ao Comando da Brigada possuir um banco de dados que facilitará as futuras operações. As equipes precursoras, hoje, têm a capacidade de se infiltrar em qualquer área, por diversos meios, como salto livre a grande altitude, salto automático, infiltração aquática e subaquática, através de montanhas

e selva, tudo para chegar aos objetivos em condições de exercer o apoio às ações da Bda Inf Pqdt.

O pára-quedista é um homem que deve desenvolver atributos como coragem, determinação, inteligência, iniciativa, vigor físico e espírito de corpo, todos

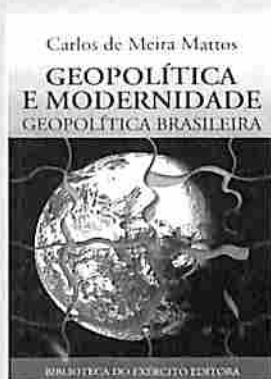
em alto grau. No caso do precursor, onde, como bem se pode ler em sua canção: pára-quedista, de todos, o mais empolgado, esses atributos ganham características exponenciais e se somam à responsabilidade, para garantir a segurança do salto dos demais pára-quedistas. ●

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Ly, Ser Pára-quedista. Rio de Janeiro, RJ, 1995.
- BRASIL. EXÉRCITO. ESTADO-MAIOR. C 124-1 - Estratégia. Brasília, DF, 2001.
- . C 100-5 - Operações. Brasília, DF, 1997.
- . Siplex: Sistema de Planejamento do Exército - SIPLEx. Brasília, DF, 2002.
- BRIGADA DE INFANTARIA PÁRA-QUEDISTA. Revista do Cinquentenário, Edição histórica. Rio de Janeiro, DF, 1996.
- . Revista da Brigada de Infantaria Pára-quedista. Rio de Janeiro, DF, 2000.
- COMPANHIA DE PRECURSORES PÁRA-QUEDISTA. Revista da Companhia de Precursores Pára-quedista, Rio de Janeiro, RJ, 1998.
- FARRAR-HOCKLEY, Anthony H. *Pára-quedistas alemães, a supertropa*. História Ilustrada da Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: ed. Renes LTDA, 1975.
- GAVIN, James M. *Até Berlim*. Rio de Janeiro: BIBLIEx. 1982.

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO EDITORA

Coleção General Benício



Geopolítica e Modernidade

Carlos de Meira Mattos

A obra evidencia a importância crescente da geopolítica nos tempos atuais. Avalia a prevalência dos seus fundamentos, na atualidade, em face das transformações do meio geográfico e dos instrumentos de ação política que interagem nas suas concepções. O autor busca resposta para as questões resultantes da noção de poder e espaço geográfico, à luz da modernidade.